

# EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICAS CORPORAIS

DISCUSSÕES EMERGENTES



(Organizador)

ÁLEX SOUSA PEREIRA

# **PÓS-PANDEMIA, JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DOCENTES NA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA**

*Evelyn Garci Pinto<sup>1</sup>*

*Rubens Antonio Gurgel Vieira<sup>2</sup>*

A pandemia do Covid-19 foi causada por um vírus (SARS-CoV-2) altamente contagioso, que se proliferou pelo mundo de forma rápida, com início no final de 2019 na cidade de Wuhan, na China. A partir deste momento, foi crescendo gradativamente o número de casos e medidas de contenção tiveram que ser executadas, induzindo a OMS a declarar Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. A decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020 e as medidas de distanciamento social, no país, só foram terminar no final de 2021.

É possível dividir a pandemia em etapas cruciais. Começou com o surto inicial, quando o vírus começou a se espalhar e os primeiros casos foram identificados. Isso levou ao pico da doença, em que medidas de contenção, como isolamento social e a quarentena foram executadas. Posteriormente, a disponibilidade de vacinas ajudou a estabilizar a propagação do vírus, resultando em uma redução gradual nos casos. A última fase é o período atual ou pós-pandemia, em que as atividades retornaram a certa “normalidade”.

Neste trabalho interpretaremos o termo pós-pandemia como uma transição, em que ainda são necessárias certas medidas e o alerta para novas pandemias ficou sobressalente; mas, considerando o término do isolamento social e da quarentena, permitindo o retorno progressivo aos modos de vida anteriores, embora com ajustes e adaptações na vida cotidiana. Este período reconhece os desafios enfrentados, sem descartar o que vivíamos e, de certa forma, ainda vivemos, mas incorporando lições aprendidas para o futuro.

Os impactos dessa crise no país afetaram diversas áreas como a economia, a saúde pública, a educação e a sociedade como um todo. Os desafios foram inúmeros, como capacidade hospitalar, medidas de contenção, vacinas e entre

---

1 Mestranda pela Universidade Federal de Lavras. Email: evelyn.pinto1@estudante.ufla.br.

2 Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP, Professor Adjunto da Universidade Federal de Lavras. Email: rubens@ufla.br.

outros. A resposta do governo brasileiro em meio à crise se apresentou de caráter negacionista. Foram mais de 4 milhões de mortes no mundo e 700 mil mortos pelo vírus no Brasil, números que poderiam ter sido menores caso o governo federal tivesse tomado medidas de ampla proteção ao invés de priorizar os sistemas produtivos em detrimento da vida.

Para o professor e filósofo Sílvio Gallo, o Brasil operou de maneira bio(necro)política, como denominou a governança do período, se referindo como a segurança da vida de determinadas populações é garantida pelo extermínio “legal” de outras populações. Em meio à pandemia, assume-se como necessário e inevitável a morte de certa parte dos cidadãos (em sua maioria idosa, pobre e as demais classes desfavorecidas). Diante de pensamentos como: “a economia não pode parar” e “não se pode ceder ao desemprego em massa”, as mortes aparentam ser inevitáveis e a sociedade aceita como o preço a ser pago pelo “bem-estar” dos que ficaram (Gallo, 2021).

Entretanto, as lacunas deixadas por esse vírus não dizem respeito apenas ao mais cruel dos desfechos, como a grande taxa de mortalidade causada pela doença, mas corroboraram para outros problemas que afetaram a sociedade como um todo. Um desses problemas está relacionado à educação, que foi precarizada devido aos novos formatos de ensino, uma vez que a ausência nos espaços escolares reduz as oportunidades de aprendizagem de alunos e alunas, pois muitas famílias não possuem estrutura para obter acesso à internet. Somando o fato de ser inviável para muitos familiares conseguir auxiliar jovens nas atividades escolares, seja por falta de domínio do conteúdo ou de práticas de ensino, seja por falta de tempo, uma vez que muitas pessoas precisaram trabalhar presencialmente. Nesse sentido, a solução encontrada ancorada no ensino à distância parece ter aumentando ainda mais as discrepâncias existentes entre os alunos de contexto socioeconômicos distintos, reforçando a desigualdade e renegando a educação e oportunidades igualitárias para todos (Bonai; González, 2021).

De modo geral, é no Ensino Médio que discentes se preparam para o ingresso na faculdade ou no mercado de trabalho e começam a tomar decisões importantes sobre seu futuro educacional e profissional. Além disso, é um momento de crescimento pessoal, de desenvolvimentos de habilidades sociais e de autoconhecimento, dimensões que influenciarão na vida adulta. Além do mais, é necessário também analisar todo o efeito que a mídia e as redes sociais possuem diante dessas faixas etárias, jovens tão imersos no mundo tecnológico, que são empurrados, muitas vezes, para opiniões fáceis e certezas daqueles que “tudo sabem” (Gallo, 2015).

Portanto, quando tratamos da problemática dos efeitos pós-pandêmicos sobre a juventude presente no Ensino Médio, é preciso se pensar em juventude

no plural, ou seja, juventudes, visto que é necessário lembrar que são diversas culturas, realidades e particularidades unidas em uma só palavra, e são essas diversidades que acaba por juntar um determinado público de jovens, criando ciclos que se unem por encontrar familiaridade uns com os outros (Martins; Carrano, 2011).

Desse modo, buscou-se averiguar a visão docente acerca de possíveis danos que a pandemia pode ter causado à formação da juventude em um contexto geral, e não somente acadêmico. Diante de tudo o que foi apontado, essa pesquisa justifica-se justamente quando refletimos que a pandemia e o isolamento social mudaram o mundo, tendo a necessidade de estudos mais aprofundados na área para a compreensão das lacunas e sugestões de reorientação e rotas de fugas para professores/as nas escolas, uma vez que esses profissionais contribuem com a vida coletiva por estarem inseridos dentro do ambiente cultural escolar, possibilitando observações do cotidiano. O fato de contemplar a juventude, uma das fases mais decisivas na formação de um indivíduo, devido aos modelos de ensino, as reformas do novo Ensino Médio, a inserção no mercado de trabalho ou na faculdade e as decisões que irão influenciar em toda sua vida adulta, reforça a participação docente que desempenha um importante trabalho nesse processo, uma vez que auxilia no desenvolvimento de suas subjetividades, ou seja, identidades, emoções, desejos e formas de compreender o mundo.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS**

Adotamos a história oral como método, de acordo com os pressupostos teóricos de José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2010) que orientam procedimentos organizados pelo projeto e propósito da pesquisa. Nessa alternativa de prática da história oral, as entrevistas são privilegiadas na atenção e estruturam um processo que compõe um corpo documental para ser analisado em diálogo com o referencial teórico. A coleta das narrativas se dá por meios eletrônicos como forma de recolher testemunhos, que possibilitam uma leitura dos processos sociais e a criação de documentos. Em nosso caso, isso facilitou estudos das percepções docentes dos sentidos acerca das lacunas deixadas nas juventudes devido à pandemia. Nesta abordagem, através dos registros das manifestações da oralidade humana, as percepções da vida social são combinadas com projetos para explicar contextos específicos. O conjunto de procedimentos se inicia com a elaboração de um projeto e continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre

que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (Meihy; Holanda, 2010).

Os métodos de pesquisa da história oral diferem da simples obtenção de informações objetivas por meio de entrevistas. Os projetos devem servir para educar os leitores sobre o contexto em que se originaram e promover significados alternativos de fatos estabelecidos. O processo de transcrição pode levar em consideração não apenas as informações disponíveis, mas também como o documento é construído por meio da construção dos fatos, de modo que as narrativas orais permitem que “histórias subjugadas” validem suas experiências.

Devida importância na constituição da narrativa dos colaboradores, a vivência e as memórias são conceitos fundamentais nos relatos de história oral, pois as narrativas e as transcrições dependem das memórias e da imaginação. Dessa maneira, todas as entrevistas estão carregadas de contornos, ajustes, contradições e imprecisões. Éder Silveira (2007) alerta que isso não deve significar que a história oral não deva ter precauções, elencar critérios e definir objetivos. Na coleta das fontes orais, o objetivo é entender o que tais memórias e vivências representam para o entrevistado e como eles estão sendo ressignificados no ato da entrevista.

Para Meihy e Holanda (2010) as entrevistas em história oral podem ser organizadas com propósitos distintos, sugerindo gêneros específicos para a condução. Distinguem-se em três: história oral da vida, história oral temática e tradição oral. A história temática, modalidade por nós escolhida, estabelece recortes que direcionam para uma lógica mais objetiva. A entrevista acontece dentro de parâmetros determinados previamente, organizando-se para atingir o objetivo proposto. Tal fim usualmente envolve questões polêmicas, de caráter social, alimentando debates e disputa por meio de posição conflitante. Dessa forma, detalhes da história de vida do entrevistado somente interessam na sua utilidade para o tema proposto. Inversamente a utilização de entrevistas livres da história oral de vida, na história temática o questionário é uma ferramenta que estabelece os critérios para abordagem de temas pertinentes a pesquisa, aproximando-se dos métodos convencionais de entrevista.

Assim, através de uma história oral temática enquanto método de pesquisa se buscou elucidar aspectos pontuais na prática dos docentes, especificamente, as observações docentes acerca das lacunas deixadas pela pandemia na juventude na Educação Física.

Novamente para Meihy e Holanda (2010), como a história oral aborda contextos vivenciados coletivamente por diversos sujeitos, seu produto não pode ser circunscrito a situações específicas. O que se chama de grupal, cultural, social ou coletivo em história oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de

identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários (Meihy; Holanda, 2010, p. 27).

Por essa razão, a investigação recaiu sobre os docentes do Ensino Médio, em que se buscou o mapeamento de eventuais representações recorrentes como forma de caracterizar uma memória coletiva. Dessa forma, além da importância individual de cada entrevista, busca-se certa unidade de coerência dentro do conjunto e o estabelecimento de relação com o contexto amplo. A intenção desse modelo de pesquisa é usar da diversidade dos sujeitos para impedir generalizações, considerando as limitações dos depoimentos para refletir uma experiência coletiva.

A reunião das entrevistas permite uma reflexão acerca dos pontos comuns, o que possibilita novas visões e análises. Para formular um corpo documental, escolheram-se como grupo dois professores do ensino médio atuantes na área de Educação Física. Diferenças como idade, gênero, titulação e outros marcadores não foram considerados na seleção dos entrevistados, somente a ligação profissional com os temas escolares. Os docentes não foram previamente informados sobre os tópicos a serem discutidos, apenas cientes dos objetivos da pesquisa, com o intuito de obter respostas espontâneas, sem tempo para preparação ou organização. Os estímulos planejados previamente foram adaptados à medida que as respostas eram fornecidas, permitindo ao professor colaborador expressar-se livremente, sem impor restrições ao diálogo. Essa abordagem evitou interrupções ou direcionamento excessivo, preservando a espontaneidade do processo de evocação de memórias, como recomendado por Meihy e Holanda (2010).

As entrevistas foram realizadas no interior da própria escola, gravadas através de aparelho celular e posteriormente transcritas, textualizando e eliminando perguntas, erros gramaticais, sons e ruídos. A transcrição não se completou sem a participação dos entrevistados. O propósito desse envolvimento permitiu que os entrevistados se identificassem com o texto gerado, confirmando sua visão expressa, validando sua experiência como um colaborador ativo por todo processo – a esse envolvimento, Meihy e Holanda (2010) dão o nome de *transcrição*.

Quanto à análise dos documentos obtidos, os mesmos foram submetidos à luz da teoria cultural. Para Marcos Neira e Mario Nunes (2011), a teoria cultural está exercendo cada vez mais influência nas análises educacionais, pois reflete sobre qual o sujeito o projeto hegemônico está formando. Tendo em vista a análise de percepções docentes sobre os impactos educacionais dos tempos pandêmicos na juventude, este trabalho buscou o diálogo entre o referencial teórico e a metodologia adotada, em desconsiderar a complexidade existente no período pandêmico e no retorno às escolas para ambas as partes, professores e alunos.

## ANÁLISE DAS TRANSCRIÇÕES

A juventude brasileira, de modo geral, carrega carga horária de trabalho elevada e mal remunerada, o que os impede de se dedicarem às exigências escolares, refletindo negativamente no seu desempenho. Do ponto de vista psicossocial e cultural, esses jovens tendem a sofrer um amadurecimento precoce, o que abrange principalmente as camadas mais baixas da sociedade, situação diversa dos jovens de classe média ou filho dos donos de produção, que estendem a infância e a juventude (Zluhan; Vazuíta; Raitz, 2017).

A sociologia da juventude antes considerava que o “direito à juventude” era negado principalmente às pessoas de classes sociais mais baixas. Porém, atualmente, há um reconhecimento emergente de que essa condição juvenil não só se generalizou, mas pode persistir ao longo da vida de uma pessoa, intermitentemente ou indefinidamente. Mas, para Juárez Dayrell (2007), ainda há parte significativa da sociologia da juventude focada no desvio, considerando o jovem como alguém que se integra mal, resiste à socialização e desvia dos padrões normativos, variando conforme diferentes níveis de estratificação social e cultural. Além disso, a juventude é frequentemente vista como uma fase transitória, onde o jovem é percebido principalmente como alguém em processo de se tornar adulto, o que pode levar à negação do presente vivido pelos jovens como um espaço de formação. Essa visão é especialmente presente no ambiente escolar, em nome do “vir a ser” dos alunos traduzidos em diplomas e planos, onde se prioriza o futuro dos alunos em detrimento do presente e das questões existenciais mais amplas.

Dentro das escolas, a educação brasileira se torna um conjunto de mecanismo de sujeição, atormentado pelo paradoxo, neste modelo o professor é constituído como catalisador particularmente ativo, autorizado e comunicativo da produção e reprodução do conhecimento, em relação ao qual o aprendiz pode ser mais ou menos ativo, mas sempre subordinado. A educação diz respeito à sujeição, à disciplina e a recusa (Deacon; Parker, 2008).

Se esta afirmação já causa certo desconforto por tratar-se de um modelo de professor descrito por Silvio Gallo (2002), como professor-profeta, sujeito domador que do alto da sabedoria anuncia o que deve ser feito, o paradoxo torna-se ainda maior se analisarmos a inversão do papel do professor no período pandêmico, diante do ensino remoto emergencial.

A gente passou a não ser mais a pessoa que formula que analisa e implementa o processo educativo e passou a ser um secretário, pois pegávamos o que os estudantes faziam, que eram o Plano de Estudo Tutorado (PETs) e arquivava, catalogava, colocava na planilha e quando o aluno não fazia mandávamos mensagens. A gente passou de docente para secretário foi assim que me senti na pandemia (João<sup>3</sup>).

É compreensível o sentimento docente diante ao modelo do ensino remoto emergencial instituído<sup>4</sup>, um modo que não leva em consideração docente ou discente, Estas macro-políticas implementadas afetaram a escola como um todo. Alguns entrevistados até mesmo afirmam que cumpriram de forma eficaz toda a burocracia, pois se não fosse feito desta forma podiam perder recursos.

A instituição tentou seguir a burocratização que o governo implementou, ele implementou um trabalho de cima pra baixo, um trabalho sem precedente, sem precedente nas ciências, na localidade, nos professores, nos alunos, em fim a gente tinha que cumprir a burocracia. E foi cumprida, mas foi ruim, o mais justo seria talvez um processo mais autoral, como algumas escolas fizeram. Mas aqui simplesmente foram cumpridas as ordens do governo, isso porque se não fizéssemos perderíamos recursos, então abraçamos o trabalho limitado, não abrindo para outras possibilidades (João).

As políticas públicas deveriam cumprir com o objetivo de prover jovens de recursos e informações para que consigam conduzir suas vidas e dar coerência ao modo como se relacionam com a sociedade, sobretudo de maneira crítica. Por isso, destaca-se a importância dos jovens como sujeito social, com políticas públicas que tenham como foco cumprir o papel de fortalecer nos jovens a capacidade de atuar, escolher, julgar e ter relações sociais (Grosso, 2016). Porém, para associar tais lógicas, o indivíduo precisa de um conjunto de recursos simbólicos, o que pode significar aos mais pobres novas formas de dominação e controle.

No Brasil, muitos jovens não possuem a oportunidade de completar o ensino básico, isto porque muitos precisam trabalhar para auxiliar a renda familiar ou no caso das mulheres que precisam cuidar da casa, dos irmãos e irmãs e da família (Deacon; Parker, 2008). Esta preocupação quanto à permanência escolar ganha um destaque ainda maior quando entendemos o impacto da escola nas vidas dos alunos, que vai muito além dos conteúdos ensinados. Nesse sentido, para os docentes, a pandemia e o distanciamento social realçou o papel socializador da escola.

---

3 Por questões éticas, os nomes são fictícios.

4 No caso presente, se trata do modelo imposto pelo Governo de Minas Gerais.

O papel da escola é muito grande, porque não é só o ensino, é também a socialização, um convívio, aqui eles são muito vulneráveis, não têm um convívio saudável com outros adultos então, o nosso papel é começando por aí. Depois da pandemia, os meninos ficaram muito perdidos em relação ao que é público e o que é privado, como eles passam o dia todo na escola eles perdem essa noção. Então é muito de sociabiliza-los novamente, sobretudo de dar ferramentas para eles serem bons cidadãos e conseguirem bons empregos, boas carreiras e perspectiva de vida para eles. Ferramentas que eles precisam para crescer, ter uma vida adulta mais tranquila e mais digna. O papel da escola ultrapassa os muros do colégio, a escola é importante na comunidade que está inserida, ela é importante para uma boa alimentação dos meninos, para instruções básicas de convivência, de saúde, de higiene. Então, a gente forma um ser como todo, não dá para vir aqui e parcelar o aluno em disciplina, mas faltam ferramentas para fazer isso com qualidade, porque não seria só professor e direção, a gente precisaria ter uma infraestrutura de qualidade para fazer isso melhor, precisaria ter outros profissionais, como psicólogo, assistente social, dentista, algumas escolas têm e aqui a gente vê o quanto que os nossos alunos, não tem uma saúde bucal legal. Então para a escola é delegado, muitos papéis além do que ela dá conta de fazer, mas o foco principal é dar ferramentas para esse aluno poder se desenvolver quando sair daqui, enquanto ele tá aqui, a gente olha, puxa ele para a gente, para um bom caminho, depois daqui não tem a escola mais, eles vão estar é por si só. E aí a gente tem que fazer o possível para, para aumenta-los de ferramentas para que eles consigam desenvolver bem fora daqui (Maria).

A escola desempenha um papel crucial na socialização dos alunos, fornecendo um ambiente estruturado onde eles aprendem não apenas conteúdos curriculares, mas também normas sociais, valores e habilidades de interação. Através de atividades como trabalho em equipe, resolução de conflitos e participação em projetos colaborativos, os alunos desenvolvem competências sociais essenciais para a vida em sociedade. Além disso, a escola é um espaço onde os alunos têm a oportunidade de experimentar diferentes papéis sociais, aprender a respeitar a diversidade e a valorizar a inclusão, preparando-os para uma participação cidadã responsável e ativa. Esse ambiente se torna ideal para que eles possam ser “eles mesmos”, longe da autoridade dos pais, é na escola que muitos jovens vão descobrir de quais grupos sociais desejam fazer parte. São diversas culturas, realidades e particularidades que acabam aproximando certos jovens e criando ciclos que se unem por encontrar familiaridade uns com os outros. Ou seja, o indivíduo chega carregado de vivências, símbolos e características constituídos dentro do ambiente familiar e, ao chegar às instituições escolares, estes costumes são confrontados e ele vai se encontrando no âmbito social por meio de identificações.

Sem contar, que hoje a escola ela está passando por vários setores né, a escola hoje virou um lugar de socialização, para além da parte curricular, das disciplinas em si, muitas vezes é um lugar de diversão por que, por exemplo, aqui perto da nossa escola não tem uma pracinha, uma quadra de esporte, então basicamente o núcleo que eles têm para socializar, praticar esportes e frequentar é a própria escola (Josué).

Incluso neste papel multifacetado da escola na vida dos alunos, muitas vezes elas se tornaram centros de socialização, oferecendo também oportunidades para atividades recreativas, esportivas e culturais. Para muitas comunidades, a escola é o principal centro de atividades dos alunos, especialmente quando faltam espaços públicos de lazer, como parques ou quadras esportivas. Nesses casos, a escola desempenha um papel ainda mais crucial, proporcionando não apenas educação, mas também oportunidades para recreação, prática esportiva e interação social. Isso destaca a importância de considerar as necessidades de lazer e recreação dos alunos ao projetar e planejar escolas, garantindo que elas ofereçam um ambiente completo para o desenvolvimento holístico dos estudantes. Fica evidente a importância do ambiente escolar na vida dos jovens, porém durante a pandemia e o isolamento social a ausência dos alunos na escola, trouxe lacuna e mudanças que foram observadas na volta as aulas, sendo necessário ressignificações.

No entanto, a sala de aula não é mais a mesma posteriormente a pandemia, os alunos estão mais voláteis, mais dispersos, o isolamento aumentou muito o vínculo aos aparelhos eletrônico, no caso o celular, não só os alunos, mas o mundo como um todo. Notei que os estudantes estão mais ansiosos, mais agressivos e mais voláteis (João).

Os alunos propriamente também tiveram mudança, muito ficaram mais arredios, justamente por essa questão de falta de costume da escola, em casa também às vezes a liberdade é maior e aqui na escola a gente tem que tentar seguir regras mais rígidas. Então sim, tivemos mudanças grandes no comportamento dos jovens (Josué).

O isolamento social, a incerteza sobre o futuro e o aumento do tempo de tela contribuíram para um impacto negativo na saúde mental dos alunos. Ansiedade, estresse e até depressão se tornaram preocupações mais comuns entre os estudantes durante esse período. Alunos precisaram se adaptar rapidamente a novas formas de aprendizado e avaliação, muitas vezes sem o suporte adequado. Isso exigiu flexibilidade e resiliência para lidar com mudanças frequentes nas rotinas escolares e nos métodos de ensino, com aumento significativo no tempo de tela diário.

Com a pandemia, os alunos enfrentaram desafios significativos em sua saúde mental, incluindo isolamento social, ansiedade e estresse devido à incerteza e mudanças na rotina escolar. A falta de interação face a face, a perda

de rotina e estrutura, bem como o acesso limitado a recursos de saúde mental, contribuíram para o impacto negativo. Estas mudanças comportamentais podem estar associadas a vários fatores como ansiedade, a necessidade de equilibrar os estudos com trabalhos instáveis e responsabilidades domésticas, desemprego, perda de renda, privações de direitos e até mesmo a perda de entes queridos devido à doença, entre outras dificuldades (Andrade, 2021).

E voltando o olhar para o papel socializador da escola, reconhece-se a importância dos encontros interpessoais, ressaltando como as decisões frequentemente são influenciadas por laços de confiança e reconhecimento formados nos grupos sociais. Isso evidencia o papel crucial dos grupos na formação das vivências dos jovens, realçando sua relevância nas culturas juvenis. Assim, a escola desempenha um papel vital na construção das identidades individuais, proporcionando experiências que nutrem esse processo, considerando a singularidade de cada aluno e suas interações dentro da comunidade escolar. Essa abordagem promove um ambiente propício ao crescimento pessoal e social dos estudantes (Silva; Ovigli, 2022).

Até mesmo o comportamento dos alunos mudou depois da pandemia, ficou mais difícil, perdemos a luta contra o celular, mesmo tentando utiliza-los como ferramenta pedagógica, então a gente instrui, ensina, mas é um nível de dependência digital muito grande que eles têm e que nós também ficamos, mas a gente ainda consegue se regular melhor, os alunos não conseguem. Eles não têm atenção para nada, muito difícil focarem, sentarem e assistirem a aula, então parece que estamos realmente ressocializando. O ano passado foi muito difícil, porque eles tinham voltado da pandemia e desacostumado totalmente com o ambiente escolar, o como se portar aqui e tivemos que ressocializar não só os alunos, mas a gente também (Maria).

O comportamento dos indivíduos em relação aos aparelhos eletrônicos sofreu mudanças significativas após a pandemia. Para a juventude, com a adoção generalizada do ensino remoto e o aumento do tempo passado em casa, muitos jovens passaram a depender mais dos dispositivos eletrônicos para a educação, comunicação, entretenimento e até mesmo para manter conexões sociais. Isto resultou em um aumento no tempo de tela e uma maior dependência de dispositivos eletrônicos para atividades diárias. Além disso, o uso excessivo de tecnologia durante a pandemia pode ser um dos fatores que impactou negativamente o sono, a saúde mental e o bem-estar dos jovens.

Há até mesmo impactos relacionados aos estímulos eletrônicos, como ouvir áudio em velocidade dobrada, além de outros fatores que impactam no cérebro e na vida dos jovens como preocupação crescente. O uso excessivo desses estímulos pode sobrecarregar o cérebro, afetar a atenção e concentração, e até mesmo influenciar o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens, que

acabam ficando tão acostumados a este modelo que diariamente ao conversar com pessoas e ao viver “no mundo real” sentem como se estivesse tudo devagar e lento, pois isto já não os estimula mais, podendo estes fatores colaborar para a ansiedade, a falta de atenção e a defasagem de ensino.

Então, docente pós-pandemia, precisou fortalecer a questão do vínculo, o quanto este vínculo presencial é importante e o nosso papel não é substituível, porque a gente tinha as aulas gravadas, tinha um programa de TV, infinitas coisas, mas isso não serviu, até porque muitos deles, não tinham letramento digital para ter acesso a isto. Então, esse contato e esse nosso papel foi fortalecido nesse sentido, para entendermos a importância do nosso lugar de atuação na escola (Maria).

É interessante observar que a transmissão cultural promovida pela mídia muitas vezes supera a influência da escola. Esse é um tema amplamente debatido nas áreas da educação e comunicação. A mídia desempenha um papel significativo na construção e disseminação de valores, crenças e comportamentos na sociedade contemporânea. No entanto, é crucial reconhecer que tanto a mídia quanto a escola possuem funções distintas no processo de formação cultural dos indivíduos (Krawczyk, 2011).

Este veículo de informação tem ganhado força e influência gigantesca na vida dos jovens, por isso a preocupação referente ao letramento digital. A escola possui muita dificuldade em proporcionar ferramentas que os desloquem de espectadores passivos e os permitam interagir de forma crítica. É crucial analisar o impacto da mídia e das redes sociais nas faixas etárias mais jovens, que estão profundamente imersas no mundo tecnológico. Muitas vezes, essas plataformas tendem a influenciar as opiniões dos jovens, empurrando-os para visões simplistas e absolutas, promovidas por aqueles que se apresentam como detentores de todo o conhecimento. Essa dinâmica pode limitar a capacidade dos jovens de desenvolver pensamento crítico, questionar informações e formar opiniões informadas. Portanto, é fundamental promover habilidades de alfabetização midiática e digital entre os jovens, capacitando-os a discernir entre fontes confiáveis e questionáveis, analisar conteúdo de forma crítica e tomar decisões informadas em um mundo digitalmente saturado (Gallo, 2015).

Contudo, é impossível não refletir sobre as ressignificações necessárias para o cotidiano escolar, tanto para os jovens como para os professores.

No fim, acredito ser bem difícil ensinar como antigamente, porque nesse período de isolamento teve muito contato com o celular, principalmente muitos alunos nossos tinham que entregar tudo pelo celular, e isso aumentou muito o uso desse aparelho em sala de aula, temos que ir lidando da melhor forma possível, às vezes promover uma pesquisa que envolva este item pode ser uma boa opção (Josué).

Alguns professores podem se sentir confortáveis e confiantes em explorar novas tecnologias e encontrar maneiras criativas de incorporar o celular ao ambiente de aprendizado. Eles podem ter participado de treinamentos específicos, buscado recursos online e colaborado com colegas para desenvolver habilidades nessa área. No entanto, outros professores podem enfrentar desafios para fazer essas adaptações. Eles podem se sentir menos familiarizados com o uso de tecnologia em sala de aula, ou podem estar preocupados com questões como a gestão do tempo, a disciplina dos alunos e a garantia de que o uso do celular contribua efetivamente para os objetivos de aprendizado.

Foram necessárias adaptações, primeiro de conteúdo, que atrasou e a segunda foi em relação à atenção, ao foco dos alunos e ao tipo de atividade, parece que eles têm tanto estímulos nas redes sociais que quase nada os estimula hoje, então temos que ficar trocando os estímulos para ver se eles conseguem engajar nas atividades porque parece que pouca coisa chama a atenção, engaja eles. E às vezes o mais simples é o que engaja. Por exemplo, ler com eles, pegando um livro ao invés de falar lê aí na sua casa e eles acharam ótimo, engraçado, entenderam o livro e querem fazer até uma peça do livro e eu acreditei que ia ser um fracasso, mas estão gostando muito da história, então é necessário pensar várias formas não tem uma forma certa, mas sim várias (Maria).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas durante todo o texto, torna-se evidente que a educação brasileira enfrenta desafios complexos, marcados por uma estrutura que muitas vezes subjuga tanto professores quanto alunos. O modelo de ensino remoto emergencial durante a pandemia acentuou essas dinâmicas, transformando o papel do professor em meros repassadores de conteúdo, enquanto a desvalorização do docente e as lacunas na aprendizagem foram agravadas pela má gestão governamental.

Além disso, a desigualdade social e a precariedade estrutural das escolas públicas ampliam as dificuldades, afetando especialmente os jovens marginalizados. Nesse contexto, urge repensar não apenas os modelos de ensino, mas também as políticas públicas voltadas para a educação, visando não só prover recursos e informações para os jovens, mas também promover sua capacidade de ação social e autonomia. Somente através de uma abordagem que valorize o papel do professor, enfrente as desigualdades estruturais e empodere jovens, poderemos aspirar a uma educação mais justa e inclusiva no Brasil.

Fica claro que a escola desempenha um papel crucial não apenas na transmissão de conhecimento, mas também na socialização e formação integral dos alunos. A resignificação do papel do professor e a adaptação das

metodologias de ensino são medidas necessárias para lidar com as defasagens e necessidades dos alunos, especialmente após o isolamento social. Além disso, é essencial considerar a importância do letramento digital e promover habilidades que capacitem os alunos a navegar de forma crítica no mundo digital atual.

Em suma, a educação no Ensino Médio enfrenta desafios significativos que exigem uma abordagem multifacetada e adaptativa para garantir o sucesso dos alunos e prepará-los para os desafios do futuro. Isso requer não apenas investimento em recursos materiais e financeiros, mas também uma mudança de mentalidade e práticas educacionais para atender às necessidades em constante evolução dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. **Desigualdades e pandemia de COVID-19**: contribuições para o debate sobre as particularidades sócio-históricas, educacionais e das juventudes do Brasil. *Dialogia*, n. 39, p. 20612, 2021.

BONAL. Xavier; GONZÁLEZ. Sheila. O impacto do lockdown nas lacunas de aprendizagem: clivagens familiares e escolares em tempos de crise. *In: Utopias e distopias na educação em tempos de pandemia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. (37) – (60).

DAYRELL. Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DEAON. R.; PARKER. B. **(des)Fundamentos do pensamento da filosofia da diferença(s)**: Educação como sujeição e como recusa. *In: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação*. Editora Vozes, 2008.

GALLO. Silvio. **Pandemias: o vírus e a “peste” fascista**. *Utopias e distopias na educação em tempos de pandemia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. (351) – (362).

GALLO. Silvio. **Quarentenário pequeno breviário dos tempos de pandemia**. *Textura*. V.23 n. 53 p. 447-514. 2021.

GROPPO, Luís. Antônio. Sentidos de juventudes na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, vol. 20, núm. 1, 2016, pp. 383-402.

KRAWCZYK, Nora. **Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje**. *Cadernos de pesquisa*, v. 41, p. 752-769, 2011.

KRAWCZYK. Nora; ZAN. Dirce. **Juventude acoçada**: pandemia, violência policial, fundamentalismo religioso e outras ameaças. *In: Utopias e distopias na educação em tempos de pandemia*. São Carlos: Pedro & João Editores. 2021. p. (321) – (332).

MARTINS. Carlos Henrique dos Santos; CARRANO. Paulo Cesar Rodrigues. **A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar.** Revista Educação. Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56. 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** Ed. 2. São Paulo: Contexto, 2010.

NEIRA, Marcos; NUNES, Mario. **Contribuições dos Estudos Culturais para o Currículo da Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671- 685, jul./set. 2011.

SEGAL, Robert Lee. **“Novo Ensino Médio” como persistência das desigualdades educacionais?** Educação em Foco, v. 27, n. 1, p. 27018-27018, 2022.

SILVA, Monica Izilda; OVIGLI, Daniel Fernando Bovolenta. O impacto da pandemia nas vozes de jovens do Ensino Médio das escolas públicas do Estado de Minas Gerais. **Raízes e Rumos**, v. 10, n. 2, p. 30-51, 2022.

ZLUHAN. Mara Regina; VANZUITA. Alexandre; RAITZ. Tânia Regina. Da modernidade à pós-modernidade: experiências e significados juvenis. **Rev. Reflex.** 2017, vol.25, n.1, pp.198-217.